

Oswald Ducrot (27/11/1930 - 08/06/2024)

Isabel Margarida Duarte

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

iduarte@letras.up.pt

Oswald Ducrot partiu aos 93 anos, em 8 de junho de 2024. Deixa-nos um interessantíssimo legado no campo da Linguística, mais especificamente nos estudos da teoria da argumentação. Mas não só. Com Tzvetan Todorov, organizou o *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*, editado pela Seuil em 1972, uma obra abrangente e de grande utilidade. Como se escreve na apresentação, "Ce dictionnaire ne se limite pas à la linguistique *stricto sensu*; y figurent aussi les concepts fondateurs, comme celui de signe, et, symétriquement, on y a pris en considération les productions de la langue (d'où la place accordée à la poétique). Quatre grandes parties: les écoles (depuis le xv^e siècle jusqu'à Chomsky), les domaines (y compris psycho et socio-linguistique), les concepts méthodologiques (du plus fondamental - le signe - au plus dérivé - les genres littéraires), les concepts descriptifs (du plus simple - les unités non significatives - aux plus complexes - du langage et de l'action)." Mas seria uma outra parceria, desta vez com Jean-Claude Anscombe, que iria ficar para a história dos estudos de argumentação na linguagem. Em *L'argumentation dans la langue* (Anscombe & Ducrot, 1976, 1983) os autores defendem que o principal objetivo da linguagem não é representar estados de coisas, mas sim argumentar. A estrutura da argumentação faz parte da própria língua. Daí decorre uma análise muito interessante e frutífera sobre elementos e estruturas da língua que orientam a argumentação num determinado sentido, como os conectores e articuladores discursivos, por exemplo. Segundo a teoria da argumentação, que não considera os contextos nem quaisquer fatores externos à língua, inserindo-se, portanto, numa tradição estruturalista, faz parte dos enunciados e da respetiva articulação uma vocação para a orientação argumentativa. A língua indica, através de mecanismos próprios, a direção que o locutor pretende sugerir ao respetivo destinatário. Por exemplo, perante o

enunciado “O livro é grande, mas interessante”, a continuação previsível irá no sentido de que vale a pena lê-lo. Mas o enunciado “O livro é interessante, mas grande” deixa prever uma continuação que não aconselha a sua leitura. Por outro lado, a própria seleção do léxico é argumentativa, no sentido em que o adjetivo “grande”, qualificando “livro”, não remete para uma qualidade totalmente objetiva, mas antes para uma avaliação, neste caso com coloração negativa. Ou seja, a palavra escolhida é, também, uma forma de orientar a argumentação.

Os usos e valores argumentativos de conectores como “mas” e articuladores como “décidément”, “Eh bien!”, “d’ailleurs”, bem como verbos de opinião tal como “je trouve que” foram estudados em *Les mots du discours*. Em *Les échelles argumentatives*, Ducrot (1980, 12) afirma: “Toute parole, au fond d’elle-même, est publicitaire. Elle n’est pas publicitaire seulement par le fait qu’elle véhicule certaines informations qui se trouvent autoriser certaines conclusions. Elle est publicitaire par le fait que sa valeur interne se confond avec la suite qu’elle réclame. Ce qu’elle veut dire, c’est ce qu’elle veut faire dire à l’autre. Ainsi nos énoncés se présentent, indépendamment même de leur aptitude à fonder un raisonnement, comme l’origine ou le relais d’un discours argumentatif.” O seu estudo sobre as diferenças argumentativas entre “peu” e “un peu” é um excelente exemplo de como um dado elemento da língua tem importância decisiva para guiar a interpretação do destinatário numa determinada direção argumentativa.

Uma outra área em que Ducrot nos deixou um legado muito interessante é a do subentendido, do pressuposto e do posto, das diferenças entre o dito e o comunicado. Ocupou-se da distinção entre o que dizemos e o que é pressuposto por esse dizer, isto é, da distância entre as informações explícitas e o que subentendemos, sugerimos ou pressupomos. Distinguiu, assim, o pressuposto, o posto e o subentendido. O pressuposto está, segundo Ducrot, inscrito no próprio enunciado. Se usarmos o exemplo clássico de Bertrand Russell “O atual rei de França é careca”, tal enunciado pressupõe que existe um rei de França atualmente e o posto diz-nos que ele é careca. Se eu negar ou interrogar o enunciado, o pressuposto não se altera (existe um rei de França), mas apenas o posto. Quanto ao subentendido, não decorre de nenhum elemento linguístico e podemos, portanto, sempre afirmar que não foi dito, mas apenas sugerido. A responsabilidade da sua

existência recai sobre o destinatário e não sobre o locutor. O autor explora, por exemplo em *Dire et ne pas dire*, que tem por subtítulo *Principes de sémantique linguistique*, os subentendidos e as pressuposições, lembrando que “[...] on a bien fréquemment besoin, à la fois de dire certaines choses, et de pouvoir faire comme si on ne les avait pas dites, de les dire, mais de façon telle qu’on puisse refuser la responsabilité de leur énonciation.” (Ducrot, 1980, 5). A sua teoria tem óbvios pontos de contacto com a das implicaturas de Grice (1975) e sinaliza uma área da Pragmática cujos desenvolvimentos teóricos não cessaram de crescer desde então e a que Levinson (1983) chamaria Pragmática de segundo grau. Se o autor fala de Semântica, esta tem, no entanto, um pendor claramente enunciativo e pragmático. Muitos dos tópicos trabalhados por Ducrot permitem justamente problematizar os limites entre Semântica e Pragmática.

Um terceiro conceito que o autor retomou e problematizou do ponto de vista da Linguística, com enorme proveito, foi o de polifonia. Não polifonia no sentido exato de Bakhtine (1929), uma polifonia que existiria sobretudo no romance, onde várias vozes, das personagens e do locutor contracenariam, mas inspirando-se, também, em Bally (1944), que já falara em diferentes vozes presentes na língua. O enunciado é marcado, como sabemos, por várias vozes, nomeadamente as que remetem para a deixis pessoal, isto é, as vozes dos intervenientes na enunciação. A presença dos interlocutores no enunciado é uma irrupção do discurso na língua. Explicitamente inspirado por Gérard Genette e pelas suas distinções célebres entre autor, narrador, personagem, locutor, Ducrot sublinha a existência de diferentes vozes no enunciado, além das marcas de 1.^a e 2.^a pessoas: a do autor empírico, a do locutor e a de vários possíveis enunciadores com diferentes pontos de vista. O locutor é o responsável pela enunciação e pode assumir a voz de um dado enunciador ou pode afastar-se dela, assim conseguindo diferentes efeitos, por exemplo, na negação, que pressupõe um enunciador capaz de produzir o enunciado afirmativo correspondente ao negativo: se o locutor diz “Agora não chove”, imagina-se que um qualquer enunciador poderia dizer ou pensar que “Agora chove”. Mas também a ironia é facilmente explicável pela noção de polifonia de Ducrot: o locutor afastar-se-ia de um enunciado cuja avaliação apreciativa pertence a um enunciador, diferente de si, do qual a sua apreciação se afasta.

Portanto, a teoria da polifonia, tal como a entende, tem uma orientação instrucional relativamente ao destinatário a quem o texto indica um caminho argumentativo. Esta teoria vai alcançar grande sucesso quando se cruza com a noção de ponto de vista, não só na literatura, mas, sobretudo, nos discursos quotidianos, atravessados por fortes dimensões argumentativas. O conceito de polifonia de Ducrot permitiu ainda avanços no que diz respeito ao relato do discurso e foi glosado por vários linguistas da área da Análise do Discurso.

Vale a pena considerar ainda a noção de *ethos* do autor (herdada de Aristóteles) que decorre da sua teoria da polifonia, uma vez que a associa ao locutor e não ao sujeito empírico. Segundo o autor, os modos de dizer do locutor caracterizam-no melhor do que aquilo que ele de si próprio diz.

Os novos e complexos desenvolvimentos da teoria da argumentação, propostos por Ducrot em colaboração com Marion Carel, cruzam, justamente, a argumentação com a noção de polifonia. Também na Análise do Discurso e na Pragmática se desenvolve investigação na senda das apertações de Ducrot. Basta lembrar a riqueza teórica da ScaPoLine, a teoria escandinava da polifonia, devedora dos ensinamentos de Ducrot, ou o que a teoria da enunciação deve às figuras que configuram o seu conceito de polifonia.

Nascido em Paris, em 1930, Ducrot estudou Filosofia na École Normale Supérieure. Ensinou Filosofia antes de ter entrado no Centre National de la Recherche Scientifique, onde foi investigador e completou a sua formação com estudos de lógica matemática. Foi, posteriormente, professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales. O seu pensamento e a sua obra beneficiaram, obviamente, da vastíssima formação que teve nas áreas referidas.

Não por acaso, seria Óscar Lopes, também ele com sólida formação, simultaneamente, em filosofia e em matemática, além de em estudos clássicos, a emprestar-me *Les échelles argumentatives* e a sugerir-me a leitura de *Les Mots du discours* e de *Le Dit et le dire*, nesses longínquos primeiros anos da década de oitenta, em que foi meu professor e, depois, orientador de Mestrado. Foram as suas lições que me apresentaram Ducrot e que me sugeriram a utilidade das suas abordagens para o estudo dos “operadores de agulhagem comunicativa” de que me ocupei: “ora”, “cá” e “lá”. O fascínio pela área acompanha-me desde então. Mas

todos nós, linguistas, somos devedores, em maior ou menor grau, dos ensinamentos estimulantes de Ducrot. Por isso lhe prestamos, aqui, homenagem.

Referências

- Anscombre, J.-C., & Ducrot, O. (1983). *L'argumentation dans la langue*. Mardaga.
- Anscombre, J.-C., & Ducrot, O. (1976). L'argumentation dans la langue. *Langages*, 42, 5-27. <https://doi.org/10.3406/lgge.1976.2306>
- Bakhtine, M. (1998). *La Poétique de Dostoievski*. Folio.
- Bally, C. (1944). *Linguistique générale et linguistique française*. A Francke.
- Ducrot, O. (1980). *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique* (2^a ed.). Hermann.
- Ducrot, O. (1980). *Le Dire et le Dit*. Minuit.
- Ducrot, O. (1980). *Les Échelles argumentatives*. Minuit.
- Ducrot, O. et al. (1980). *Les Mots du discours*. Minuit.
- Grice, H. P. (1975). Logic and conversation. *Syntax and semantics*, 3, 41-58.
- Levinson, S. (1983). *Pragmatics*. Cambridge University Press.